

O FIM DA FILOSOFIA: UM EXAME DESDE MARTIN HEIDEGGER

*THE END OF PHILOSOPHY: AN EXAMINATION SINCE
MARTIN HEIDEGGER*

Dilson Brito da Rocha¹

RESUMO

Neste estudo temos o objetivo de investigar a tese defendida por Martin Heidegger na qual ele assegura que a filosofia cumpriu seu trabalho. Ocorre que, na modernidade, assistimos uma transformação da filosofia clássica em técnicas instrumentais. Ele fala da modernidade chamando atenção para suas técnicas, às quais se refere como ciência cibernética. Para o filósofo alemão, a metafísica clássico-platônica foi levada às últimas consequências, quando culmina nos aparatos técnicos. Neste senso, assegura ele que a filosofia foi transformada em ciências empíricas. As ciências ganham sua autonomia, a exemplo da psicologia, antropologia cultural e as ciências empíricas em geral.

Palavras-chave: Heidegger. Modernidade. Ciência Cibernética. Metafísica. Filosofia.

ABSTRACT

In this study we aim to investigate the thesis defended by Martin Heidegger in which he assures that philosophy has fulfilled its work. It happens that in modernity we see a transformation of classical philosophy into instrumental techniques. He speaks of modernity drawing attention to its techniques, which he refers to as cyberscience. For the German philosopher, classical-platonic

¹ Mestre em Filosofia pela UNESP, Marília. Mestre em Teologia pela PUG, Roma, Itália. Docente na FIB (Faculdades Integradas de Bauru). *E-mail*: dilsondarocha@gmail.com

metaphysics was brought to the last consequences, when it culminates in technical events. In this sense, he assures that philosophy has been transformed into empirical sciences. Sciences gain their autonomy, like psychology, cultural anthropology and empirical sciences in general.

Keywords: Heidegger. Modernity. Cyber Science. Metaphysics. Philosophy.

INTRODUÇÃO

Um texto de autoria de Martin Heidegger, datado de 1966 e que se intitula “*O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*” é, talvez, um dos mais explícitos, claros e simples que o filósofo tenha produzido, já que neste texto ele escreve de maneira aberta e convincente. Não obstante, tem a mesma densidade de outros mais herméticos. O assunto fulcral do texto diz respeito a algo preciso e ao mesmo tempo preocupante, a saber, a morte da filosofia ou, se quisermos, o fim da filosofia. Aquela forma tradicional que chamamos filosofia pode ter nos tempos hodiernos, diz Heidegger, somente uma vida epigonal, historiográfica.

Os grandes filósofos dos tempos que correm não podem senão proceder com uma avaliação comparativa, o que é muito relevante, todavia, altamente diversa do *modus operandi* do platonismo e da tradição metafísica. Para Heidegger a filosofia clássica não tem mais nada para dizer, descobrir, nem tampouco nenhuma estrada a percorrer. Estamos em um confim que se reflete sobre si mesmo, já que proceder com aquela filosofia passada, de um ponto de vista vivente e especulativo, é perder tempo.

A filosofia, no que toca à sua tradição, terminou sua tarefa. Porém, isso não significa uma aniquilação da atividade filosófica no sentido de pensar sobre si mesma, pelo contrário, é algo muito potente. De toda maneira, podemos indagar: se a filosofia naquela vertente de caminho único que orientou a metafísica ocidental morreu, qual a tarefa que resta ao pensamento? O que podemos entender por pensamento?

Ocorre que, para Heidegger, a filosofia não é um produto cultural. O adjetivo “cultural” não se salva da palavra “produto”, se com esta última palavra entendemos comércio de notícias, no qual estamos todos imersos. Mas, é uma questão de vida. É a primeira questão sobre a vida.

1 DESENVOLVIMENTO

Heidegger começa o texto sobre o qual estamos debruçando (*O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*) retomando uma questão já presente em *Ser e*

Tempo, voltando sobre a crítica imanente ao fazer da filosofia.² De fato, para ele, a filosofia é a piedade do perguntar. De sorte que a pergunta não tem uma validade universal absoluta. A figura socrática não é a questão do homem na sua universalidade. Pensar isso é gratamente ocidental. Isso já disse Friedrich Nietzsche, que confronta Sócrates e de toda tradição platônica como sendo o fundamento da metafísica ocidental.³

Para Heidegger, as perguntas são o caminho em direção ao pensamento. É a sua crítica imanente. Isso jamais se exaurirá. Por isso é que se fala do fim da filosofia. Pois, na medida em que a filosofia não pode fazer outra coisa senão a formulação de sua crítica interna na forma de perguntas, a filosofia ao mesmo tempo mostrou sua altura; é o limite de seu projeto; é o que a limita a partir de um confim, de um horizonte, que se limita ao seu interno. Para Heidegger, fazer filosofia prescindindo desse problema é proceder de modo supersticioso.

Discorrido sobre esta primeira parte do texto, o ponto seguinte diz respeito a duas perguntas, quais sejam: **i)** em que sentido a filosofia na época atual chegou a seu fim? **ii)** qual tarefa sobrou ao pensamento com o fim da filosofia? A primeira questão foi desenvolvida de maneira magistral por Heidegger. Ele enxerga o fim da filosofia na época presente como o seu cumprimento. Fim não quer dizer, como acenamos há pouco, que não há mais nada. Em outros

² Cumpre salientar que em sua obra *Ser e Tempo*, Heidegger opera uma espécie de revolução. Ele quer compreender o ser a partir do tempo – temporalidade do ser –, isto é, fora da quimera da metafísica, sendo que para ele a filosofia tradicional fez justamente o contrário. Segundo nosso filósofo, de Platão até Nietzsche ocorre um esquecimento progressivo do ser. Há, portanto, uma culpa, sendo que o ser foi dissociado do tempo. O equívoco está justamente no fato da metafísica ter pensado o ser na atemporalidade, entificando-o.

³ Segundo Heidegger, a partir de Platão a filosofia não fez outra coisa senão empenhar-se em salvar as coisas do mundo e colocá-las à disposição do homem. O alemão designa esta dimensão de metafísica, que é, exatamente, a história do pensamento ocidental, com sua gênese localizada justamente em Platão. Como constata Alfred Whitehead, “Toda a filosofia pode ser considerada simplesmente um grande comentário de Platão”. Sucede que, a intenção do filósofo ateniense era salvar os fenômenos, isto é, salvar as coisas do mundo do possível roubo do nada. Por essa razão, Platão organiza sua visão do mundo ante dois cenários, a saber: **i)** Cenário de eternidade, que ele chama de *Hyperuranion*, onde se encontram as ideias, e **ii)** Cenário do mundo sensível, onde as coisas imitam as ideias (*mimesis*). Neste último cenário, o mundo é uma cópia do mundo das ideias. O mundo das ideias, absolutamente, não é como o mundo sensível, onde estão as coisas, mas um mundo sobre celeste, além do céu (hiperurânio), onde um dia a alma, que conheceu todas as ideias, habitava, e que seguiu de uma queda, foi aprisionada no corpo, por meio do qual nós conhecemos as coisas, graças aos sentidos.

termos, não é a morte em sentido banal. Fim, pelo contrário, significa que a filosofia finalmente cumpriu seu projeto. Finalmente realizou em sua essência, aquilo que propôs no início.

Temos que, para Heidegger a filosofia tinha um projeto preciso, ao qual dá o nome de metafísica, o que não quer dizer que hoje não haja interesse pela metafísica, mas que desaparece pelo fato de não servir mais. A metafísica questiona sobre o ente, o ente enquanto tal. Ela pergunta pelo ser do ente, ou seja, o princípio, a causa. Ela pergunta: com base em que e por qual causa, a partir de qual princípio o ente que se apresenta é assim como é? Pergunta pela causa que produz o ente na sua representabilidade, assim como é. Toda metafísica antiga é endereçada a esta tentativa, que se cumpre na idade moderna, quando começa a era da técnica.

As ciências mostram como se pode compreender o ente a partir da sua causa e até como se pode produzi-lo. Nos tempos que correm podemos elaborar o ente, criar o que hoje chamamos de realidade virtual, que Heidegger chama cibernética. Assim, a metafísica é aquela que age neste projeto geral da humanidade ocidental. Uma humanidade capaz de conhecimento, manipulação e elaboração, uma espécie de esquecimento progressivo do ser, como quis Heidegger. Hoje temos a elaboração, a criação do ente, a criação do homem.

Neste senso, nos tempos hodiernos o filósofo não é mais consultado para se saber como é feita a natureza, uma vez que isso é de competência da ciência, precisamente da física moderna. Já Isaac Newton se enveredou por esta estrada, com sua obra intitulada *Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica*.

O desenvolvimento das ciências é, ao mesmo tempo, sua independência da filosofia e a inauguração de sua autonomia. Este fenômeno faz parte do acabamento da filosofia. Seu desdobramento está hoje em plena marcha, em todas as esferas do ente. Parece a pura dissolução da filosofia; é, no entanto, precisamente seu acabamento (HEIDEGGER, 1979, p. 72, grifo nosso).

A história da metafísica ocidental e o platonismo em geral percorreram a pergunta fundamental, sobre o que é o ente enquanto tal, como se pode apropriar de seu fundamento, ou seja, de seu princípio, de sua causa provocante. A história do

ocidente se articulou nas várias configurações do fundamento, por exemplo, como metafísica clássica, como metafísica kantiana (o transcendental como condição da natureza) como dialética do espírito histórico (Hegel), do historicismo absoluto (Marx) e, por último, como vontade de potência (Nietzsche). De fato, se trata de uma vontade de potência, vontade de produzir o ente.⁴ Por isso, a metafísica não pode ser outra coisa senão ciência, no sentido moderno da palavra. É um projeto posterior à morte de Deus. Projeto de produzir o ente, tomando o lugar que antes Deus ocupava.

Toda metafísica é, substancialmente, platonismo. Isto é, a tentativa de compreender o perfil do ente, a ideia. O compreender o ultrassensível do sensível, o ser do ente como causa do ente, a ideia como causa do indivíduo etc. Naturalmente, quando essa revela sua verdadeira face (vontade de potência) as coisas mudam. De qualquer forma, a metafísica não é mais uma contemplação teórica pura e desinteressada das ideias, mas se torna apenas a noção de que primeiro vem a práxis e que as ideias são reflexos da práxis, como assegura Marx.

Para Marx o homem é práxis. “Em Marx, ela deveria chegar ao fim através da transformação da filosofia em mundo de sua ‘supressão’ na ‘práxis’” (STEIN, 1979, p. 67). É uma espécie de pragmatismo transcendental. É a realização de uma sociedade histórica concreta através da ciência e da técnica. “Heidegger acha que a filosofia enquanto metafísica, ou seja, enquanto pensamento fundante já encontrou na inversão que Max efetuou no pensamento de Hegel a última possibilidade de realização” (OLIVEIRA, 1989, p. 128). Assim, a metafísica se cumpre, dando lugar a uma sociedade histórica.

[...] quando falamos de um fim da filosofia queremos significar o acabamento da metafísica. Acabamento não quer dizer, no entanto, plenitude no sentido que a filosofia deveria ter atingido, com seu fim, suprema perfeição. Falta-nos apenas

⁴ Heidegger parte do Dasein, de cada um de nós, e não de um sujeito abstrato como sucedeu nos filósofos anteriores. Neste senso, o filósofo alemão destrói o sujeito, ou seja, a forma como ele é constituído, por exemplo, em Descartes e em Immanuel Kant, quando eles operam com a metafísica, com atribuições de propriedades. O sonho da metafísica, assegura Heidegger, é eliminar a temporalidade do ser, eliminar a finitude, o que é, segundo ele, uma verdadeira alienação. Outrossim, no pensamento de Heidegger não somos um sujeito abstrato, mas finito, temporal, nem tampouco podemos ser confundidos com os objetos técnicos, como faz a técnico-ciência, uma espécie de metafísica moderna.

qualquer medida que permitisse estimar a perfeição de uma época da metafísica em comparação a outra. Não há mesmo nada que possa justificar tal maneira de proceder. O pensamento de Platão não é mais perfeito que o de Parmênides. A filosofia hegeliana não é mais perfeita que a de Kant. Cada época da filosofia possui sua própria necessidade. Que uma filósofa seja como é, deve ser simplesmente reconhecido. Não nos compete preferir uma a outra, como é possível quando se trata das visões do mundo (HEIDEGGER, 1979, p. 72).

Para Heidegger, o fundamento tem seu caráter de fundação como: **a)** causação ôntica do real; **b)** como possibilidade transcendental da objetividade dos objetos; **c)** como mediação dialética do movimento do espírito absoluto; **d)** do processo histórico de produção; **e)** como vontade de potência. Dessarte, Heidegger mostra como a história da metafísica ocidental procedeu, na sua pergunta fundamental, que diz respeito ao ente enquanto tal, como se pode apoderar do seu fundamento, ou seja, do seu princípio, da sua causa provocante.

De toda maneira, a metafísica cumpriu sua tarefa, dando lugar à ciência. Mas a ciência é ainda platonismo. Marx, por seu turno, é também ainda discípulo de Platão. Pois, por mais que ele tenha criticado o platonismo ele ainda toma os mesmos termos de Platão, por isso, não saiu ainda da metafísica. Não revolveu o dilema da vontade de potência. Pelo fato de sua crítica imanente, acredita ter distanciado da metafísica dos antigos, como também acreditava Francis Bacon. Esses, ao contrário daquilo que apregoavam, realizaram aquele projeto platônico, mesmo sem saber. Isso é o niilismo, segundo a leitura de Heidegger. É a realização da vontade de potência.

Segundo Heidegger, o desenvolvimento da ciência e seu modo de proceder desvencilhado da filosofia, o modo de proceder da ciência empírica da natureza, e a ciência empírica do homem pertencem às categorias metafísicas, a despeito de reivindicarem o oposto. Acontece justamente o contrário daquilo que pensavam fazer, ou seja, com a ciência sucede o cumprimento extremo da metafísica.

A filosofia de nossos tempos se torna epigonal, uma espécie de historiografia filosófica. O problema é que, qualquer coisa que aplica sempre mais o método científico à história, reduz a história a um mero historicismo, a uma mera

historiografia, ou se torna uma ciência empírica do homem, a cibernética, que se torna a ciência universal de todos os saberes. Pois bem, ela vai desde a cosmologia até a antropologia, senão até a psicologia. Isso explica o sucesso extraordinário das novas faculdades, por exemplo, ciências da comunicação, ciências da informação etc. Os cientistas não se aplicam às questões de fundamento, mas se voltam para as questões voltadas ao método e categorizações. Deve definir os âmbitos nos quais metodologicamente intervém a fim de se apropriar do ente, inclusive do homem, para fazer do ente uma quantidade calculável de informações.

A ciência abole o ser e o substitui com o método. Isso é claríssimo, para ficarmos em um caso ímpar, em René Descartes. Depois, o trato fundamental dessas ciências é a técnica. Edmund Husserl fala da crise das ciências europeias, porém, as coisas devem ser postas justamente ao contrário, como fez seu genial discípulo Heidegger. Se deve falar da técnica como o coração da ciência. A ciência tem seu destino na técnica (cf. REALE, 1990, p. 590). A ciência é técnica, evidentemente no sentido moderno desta última palavra. Não é verdade que tem uma ciência teórica e depois se torna técnica.⁵ A grandeza da escritura da ciência não é mais a língua, mas a matemática (cf. SILVA, 2007, p. 12).

A filosofia se traduz no projeto tecnológico, ou seja, no projeto científico, no projeto cibernético, na redução do encontro com o ente, na informação, na informatização universal, começando pela linguagem mesma do homem, então, a projeção universal. Nesta lógica, temos que, o suprassensível de Platão se tornou a tela do computador, literalmente. Se a ciência é isso, estamos pensando na ocidentalização do planeta, a completa conquista, a vontade de potência ocidental, conquista do planeta inteiro ao seu projeto. Seja porque a sua vontade de potência é a mais potente que há, seja porque de fato é invejável em muitos aspectos, e que, inegavelmente, movem o destino da humanidade inteira.

⁵ Em querendo ser fiéis ao pensamento heideggeriano acerca da técnica, temos de parar de pensar que a ciência seja pura, ou que a técnica é boa ou débil segundo o uso que é feito. A técnica não é, absolutamente, um derivado da ciência, não é aquilo que vem depois da ciência, não é avaliável segundo o uso que se faz dela, pois a técnica é a essência da ciência. A ciência não olha o mundo para contemplá-lo, mas para utilizá-lo e manipulá-lo. Quer dizer, a intenção da ciência é já técnica. Por isso, devemos falar, na verdade, de técnico-ciência. Desta forma, não existe uma ciência pura e uma técnica aplicada. Pelo contrário, a técnica está já na qualidade do visar científico.

Para Heidegger, o fim da filosofia significa o início da civilização do mundo. É o domínio dos meios de informação. A consciência é produzida, assim como o é o corpo pela biologia, pela física etc. Este início da civilização do mundo fundado no pensamento do ocidente europeu. Há uma passagem: da metafísica para a ciência moderna, de uma escritura alfabética a uma escritura matemática. A ciência ocidental, a partir de um certo momento, se torna técnica em sua essência, já que o destino da ciência é a técnica. Desta maneira, tudo depende, nos tempos hodiernos, dos instrumentos e aparatos técnicos.

Tudo funciona. A inquietação é precisamente essa, tudo funciona, o funcionamento acarreta um novo funcionamento, e a técnica arranca o homem cada vez mais do solo, desenraizando-o. Não sei se isso o preocupa, eu fiquei assustado ao ver as fotografias enviadas da Lua para a Terra. Já não necessitamos da bomba atômica, o desenraizamento do homem é um facto consumado. Apenas vivemos condições puramente técnicas. Hoje já não é uma terra sobre a qual o homem vive (HEIDEGGER, 1988, p. 10).

Heidegger coloca uma hipótese, ou uma sugestão. Para ele há uma primeira coisa a ser pensada. No momento em que vemos que a ciência é a última etapa da filosofia, resta ao pensamento ainda pensar algo. Ou seja, que não pensou. Dá-se que, a filosofia é uma cultura, uma história de um povo que partiu de um pensamento originário. Outrossim, para Heidegger, mais do que um erro, há um destino no ocidente. Existe uma tarefa que não é da filosofia, mas do pensamento que tem a força e a capacidade de colocar a filosofia dentro de si como objeto da sua crítica interna. Que tem a coragem de revisitar a sua origem. Que tem coragem de confrontar-se com as primeiras palavras da filosofia para procurar ali dentro coisas que não havíamos visto.

Não pensamos a questão da verdade. Se a verdade é o trabalho cibernético universal, acontece a redução do planeta terra inteiro em ciência, ou por outro lado, em mercadorias, trazendo presente Marx. O corpo humano mesmo se torna mercadoria. A biologia mesma se torna mercadoria, inclusive as questões se tornam mercadoria, por exemplo, se o aborto pode ser feito por aqueles que não tem condições financeiras é uma grande questão, não tendo mais relevância

as questões filosóficas. Assim, é mais importante debruçar sobre o fato que não é justa uma lei que favorece somente os ricos que podem pagar o abordo, do que sobre quimeras metafísicas. Nos tempos que correm, interessam as questões concretas. Acontece a desencantada fúria da técnica. Para Heidegger há um início se retornamos ao início, onde a verdade é outra coisa, que não vimos, mesmo se dissemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Heidegger o ser humano é, inevitavelmente, atraído pelo presente, do cuidado pelas coisas, da própria vida mundana, onde há o que Heidegger alcunha de risco da cotidianidade. Todos somos hipnotizados pelos entes. Induzidos a vê-los em sua simples presença provocante. Os gregos disseram a palavra, mas não a entenderam, *aletheia*. Já os gregos não pensavam que a verdade não é originária, que a verdade é já uma preocupação do homem no mundo, que é preocupação de dominação do ente na sua simples presença e o escondimento do seu ser, ou melhor, redução do seu ser em transcendental empírico que eu posso.

Neste estudo examinamos a maneira como Heidegger se ocupou da história da filosofia e, se quisermos, da história da metafísica, aquela desenvolvida no pensamento ocidental, nos restringindo, todavia, a seu texto intitulado “*O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*”. De qualquer sorte, ele endereça duras críticas à história da filosofia ocidental, que sempre se enveredou por esta estrada, na qual houve uma espécie de apropriação do ente, tendo seu cume na técnica da idade moderna, quando ele foi elaborado. Ademais, para o filósofo alemão, a metafísica e todo seu desdobramento é, de maneira rigorosa, a história do esquecimento progressivo da questão do ser. Significa que o pensamento de Heidegger é, de fato, uma superação da metafísica. Cumpre salientar que, para ele, a forma moderna da metafísica é a técnica.

Enfim, de acordo com Heidegger, a técnica é a realização da vontade de poder que transforma a natureza, inclusive a natureza humana, em objeto disponível para o fazer humano. Esta retificação e manipulação de todos os entes pela produção e consumo tecnológico, acaba transformando o homem da antiga posição de senhor

da natureza, em objeto da sua própria atividade técnica. Em consequência disso, o humano acaba por assumir a mesma condição dos aparatos técnicos, não mais se distinguindo.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M. **Interrogé par Der Spiegel**: Réponses et Questions sur l'Histoire et la Politique. Tradução de Alexandre Marques. Paris: Mercure de France, 1988.

HEIDEGGER, M. **O fim da filosofia e a tarefa do pensamento**. Tradução de Ernildo Estein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

OLIVEIRA, M. A. de. **A filosofia na crise da modernidade**. São Paulo: Loyola, 1989.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1990. v. 3: do romantismo até nossos dias. (Coleção História da Filosofia, 3).

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1990. v. 6: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. (Coleção História da Filosofia, 6).

SILVA, F. L. Martin Heidegger e a técnica. **Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 369-74, jan./jun. 2007.

STEIN, E. Nota do tradutor. In: HEIDEGGER, Martin. **O fim da filosofia e a tarefa do pensamento**. Tradução de Ernildo Estein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).